

**ENTRE O HEBRAICO E O ARAMAICO NO TEXTO BÍBLICO:
UM ESTUDO COMPARATIVO**
*BETWEEN HEBREW AND ARAMAIC IN THE BIBLICAL TEXT:
A COMPARATIVE STUDY.*

João Oliveira Ramos Neto¹

RESUMO

Este estudo explora as línguas ancestrais Hebraico e Aramaico no texto bíblico, destacando paralelos e contrastes. Apesar das raízes semíticas comuns, suas trajetórias são distintas, moldadas por diferentes contextos. O artigo se divide da seguinte forma: após uma introdução sobre as línguas usadas para a escrita da Bíblia, passou-se para a análise comparativa de cinco aspectos do Hebraico e do Aramaico: origem e desenvolvimento histórico, alfabeto e sistema de escrita, fonética e pronúncia, morfologia e sintaxe, vocabulário e léxico. Concluiu-se que, apesar de proximidades na formação histórica e na escrita, as diferenças fonéticas e sintáticas são notáveis, assim como o vocabulário distinto, sendo o Hebraico rico em termos religiosos e litúrgicos, enquanto o Aramaico incorpora termos cotidianos. A presença dessas línguas no Antigo Testamento reflete o contexto histórico do Império Persa. O estudo comparativo é crucial para compreensão da história e religião do Oriente Médio, além de aprimorar a interpretação dos textos bíblicos, exigindo do estudioso análise crítica e profundo conhecimento das nuances linguísticas e contextos históricos.

Palavras-Chave: 1. Bíblia 2. Hebraico 3. Aramaico.

ABSTRACT

This study explores the ancient languages of Hebrew and Aramaic in the biblical text, highlighting parallels and contrasts. Despite their common Semitic roots, their trajectories are distinct, shaped by different contexts. The article is structured as follows: after an introduction to the languages used for writing the Bible, it proceeds to the comparative analysis of five aspects of Hebrew and Aramaic: origin and historical development, alphabet and writing system, phonetics and pronunciation, morphology and syntax, vocabulary and lexicon. It is concluded that, despite similarities in historical formation and writing, notable phonetic and syntactic differences exist, as well as distinct vocabulary, with Hebrew being rich in religious and liturgical terms, while Aramaic incorporates everyday terms. The presence of these languages in the Old Testament reflects the historical context of the Persian Empire. Comparative study is crucial for understanding the history and religion of the Middle East, as well as for enhancing the interpretation of biblical texts,

¹ joao.neto1@ifg.edu.br

requiring scholars to engage in critical analysis and possess a deep understanding of linguistic nuances and historical contexts.

Keywords: 1. Bible 2. Hebrew 3. Aramaic.

INTRODUÇÃO

A Bíblia é um livro considerado sagrado por judeus e cristãos. Este livro é composto por duas partes principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Neste artigo, focaremos no Antigo Testamento, uma coletânea de textos diversos, escritos por diferentes autores, ao longo de séculos da Idade Antiga, em diferentes lugares que, entre outros, narram a história do povo de Israel, também denominado de povo hebreu, e de como esse povo se relacionava com a sua divindade, Iavé. Geralmente ele é dividido em quatro partes principais.

A primeira parte é conhecida como livros da lei. Ela é composta por cinco livros: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Por isso, são chamados, também, de *Pentateuco*. Esses livros narram a versão dos hebreus sobre a criação do mundo e a formação do povo de Israel. Essa formação se deu, de maneira resumida, conforme esses livros, a partir dos descendentes do patriarca Abraão, que posteriormente se tornaram escravos no Egito e, após uma fuga milagrosa, conquistaram o território conhecido como Canaã. Esses livros contêm leis e normas que regiam a vida social e religiosa dos israelitas. Essas leis, segundo acreditavam, tinham sido dadas pela própria divindade, Iavé, para Moisés. Inclusive, a tradição acabou por conferir à Moisés a autoria desses livros. Porém, segundo a pesquisa acadêmica, através da crítica das fontes, sabe-se que esses livros tiveram, pelo menos, quatro autores².

A segunda parte é conhecida como *livros históricos*, que são: Josué, Juízes, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis e 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester. Esses livros narram o período desde a conquista da terra de Canaã e formação do reino de Israel, até a volta do exílio babilônico e a tentativa de reconstrução do templo de Jerusalém sob o domínio persa.

A terceira parte é conhecida como *livros poéticos*, que são: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares. Eles têm textos de louvor à divindade e são conhecidos como sapienciais, por compartilharem ensinamentos de sabedoria. A quarta parte, por sua vez, é composta pelos denominados *livros proféticos*. Eles se dividem em profetas maiores e profetas menores. O que

² Segundo a Hipótese Documentária, os cinco primeiros livros da Bíblia foram compostos por quatro documentos distintos (Jawista, Elohista, Deuteronomista e Sacerdotal) e posteriormente combinados por editores para formar o conjunto que conhecemos hoje. Sobre isso, consultar Collins, *Introdução ao Antigo Testamento*, 2014.

caracteriza serem profetas maiores ou profetas menores é o tamanho do texto. São profetas maiores Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Aí também se inclui o livro de Lamentações de Jeremias. Já os profetas menores são Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

O Antigo Testamento foi escrito originalmente e predominantemente em hebraico. Por serem falantes do hebraico, o povo de Israel também era conhecido como povo Hebreu. Conforme Geisler e Nix, “o hebraico encaixou-se bem nessa tarefa (de registrar a história do povo hebreu) porque é uma língua pictórica. Expressa-se mediante metáforas vívidas e audaciosas, capazes de desafiar e dramatizar a narrativa” (Geisler e Nix, 2006, p. 127). Além disso, “o hebraico é uma língua *pessoal*. Apela diretamente ao coração e às emoções, e não apenas à mente e à razão. É uma língua em que a mensagem é mais sentida que meramente pensada” (Ibidem).

Os escritos originais do texto bíblico, aqueles que saíram diretamente da mão de um profeta ou apóstolo, ou de um secretário ou amanuense, são chamados *escritos autógrafos*. Esses não existem mais. Por essa razão, precisaram ser reconstituídos a partir de manuscritos e versões primitivas do texto da Bíblia. Os escritos mais antigos em hebraico, que compõem a Bíblia, são datados do período do cativeiro babilônico, em 586 a.C. O tamanho da letra e o formato são evidências para se datar um manuscrito.

O texto original da Bíblia não foi dividido em capítulos e versículos. Essas divisões foram feitas para facilitar a tarefa de citar os textos nos cultos. Stephen Langton, professor da Universidade de Paris, e arcebispo de Cantuária, dividiu a Bíblia em capítulos em 1227. Robert Stephanus, impressor parisiense, acrescentou a divisão em versículos em 1551. Essa divisão não seguiu nenhum critério, ela foi aleatória. Nas Bíblias modernas é possível encontrar, também, subtítulos. Esses subtítulos também não fazem parte do texto original e dependem da editora que faz a tradução e publicação.

As primeiras traduções do texto bíblico tinham como objetivo disseminar a mensagem que ali estava contida para outros povos para além de Israel. Também tinha a função de servir para leitura de judeus convertidos que não falavam o hebraico, ou aramaico, ou judeus que, por seus antecedentes terem migrado para outro lugar, já não dominavam mais o hebraico ou o aramaico. No século II, foi feita uma tradução de todo o texto do Antigo Testamento para o aramaico, conhecido como *Peshita*, que significa *simples*.

A principal preservação dos textos bíblicos do Antigo Testamento é chamada de *textos massoréticos*. Essa fonte recebe esse nome por causa dos massoretas, os escribas judeus que

preservaram e transmitiram esses textos ao longo dos séculos. O texto massorético mais famoso é o *Códice Leningradensis*, datado do século 10 d.C., que é o manuscrito completo mais antigo do texto hebraico do Antigo Testamento. Este manuscrito é amplamente utilizado como base para edições modernas do texto hebraico da Bíblia.

Uma dessas edições modernas é a Tanak. A Tanak, também conhecida como Bíblia Hebraica, é a coleção central de textos sagrados do judaísmo, composta por três seções principais: a Lei (תּוֹרָה), os profetas (נְבִיאִים) e os escritos (כְּתוּבִים), que transliterados são a *Torá*, *Nevi'im* e *Ketuvim*. Os textos massoréticos transmitiram o texto hebraico tradicional com notas adicionadas que incluem detalhes sobre vocalização, pontuação e outros aspectos linguísticos que facilitam a tradução para outras línguas. A Tanak pode ser acessada atualmente pela Bíblia Stuttgartensia, uma edição crítica compilada em 1967 pela Sociedade Bíblica Alemã em Stuttgart. A Bíblia Stuttgartensia baseia-se em manuscritos antigos e oferece uma edição rigorosa do texto hebraico, acompanhada de notas críticas, variantes textuais e outras informações relevantes para a pesquisa acadêmica.

A principal tradução dos manuscritos mais antigos do Antigo Testamento, porém, é a *Septuaginta*, uma tradução feita do hebraico para o grego para a biblioteca da cidade de Alexandria. *Septuaginta* vem do Grego, setenta, e faz alusão aos setenta e dois tradutores que participaram do trabalho. Essa tradução foi concluída antes do ano 150 da era cristã. A principal diferença entre a Tanak e a Septuaginta é que esta acrescentou quinze livros que não estavam na Tanak. Esses livros são denominados de *apócrifos*, do Grego, “difícil de entender”. São eles: Sabedoria, Eclesiástico (não confundir com Eclesiastes), Tobias, Judite, 3 Esdras, 1 Macabeus, 2 Macabeus, Baruque, Epístola de Jeremias, 2 Esdras, 2 Ester, Oração de Azarias, Susana, Bel e o Dragão, Oração de Manassés. Além de compor a biblioteca de Alexandria, a Septuaginta também foi traduzida para as comunidades judaicas que falavam Grego. Porém, essas primeiras comunidades majoritariamente rejeitaram essa tradução (Geisler e Nix, 2006).

A primeira tradução da Bíblia para a língua portuguesa foi iniciada pelo rei dom Diniz (1279-1325), sendo sucedida pelos reis posteriores. Porém foi o pastor português João Ferreira de Almeida (1628-1691) quem iniciou a primeira tradução completa para o português. Em 1676, João Ferreira de Almeida concluiu a tradução do Novo Testamento, e naquele mesmo ano remeteu o manuscrito para ser impresso na Bavária; todavia, o lento trabalho de revisão a que a tradução foi submetida levou Almeida a retomá-la e enviá-la para ser impressa em Amsterdã, na Holanda. Finalmente, em 1681 surgiu o primeiro Novo Testamento em português. Logo após a publicação do

Novo Testamento, Almeida iniciou a tradução do Antigo, e, ao falecer, em 6 de agosto de 1691, havia traduzido até Ezequiel 41.21. Em 1748, o pastor Jacobus op den Akker, da Bavária, reiniciou o trabalho interrompido por Almeida, e cinco anos depois, em 1753, foi impressa a primeira Bíblia completa em português, em dois volumes.

Desde então, muitas outras traduções foram providenciadas e aperfeiçoadas para o português. Em 1948, do lado protestante, organizou-se a Sociedade Bíblica do Brasil, destinada a "Dar a Bíblia à Pátria". Essa entidade fez duas revisões no texto de Almeida, uma mais aprofundada, que deu origem à Edição Revista e Atualizada no Brasil, e uma menos profunda, Edição Corrigida. Do lado católico, temos a tradução feita pelos monges de Meredsous em 1959. A mais usada, porém, inclusive academicamente, é *A Bíblia de Jerusalém*, traduzida pela Escola Bíblica de Jerusalém (padres dominicanos) e editada no Brasil em 1981 por Edições Paulinas.

Nos países onde a sociedade é marcadamente dividida entre católicos e evangélicos, sobretudo no Brasil, é conhecida – e questionada – a diferença entre a “Bíblia Católica” e a “Bíblia Evangélica”. Essa diferença se dá porque a Bíblia utilizada pelas igrejas evangélicas segue a tradição da Reforma Protestante, que adotou a *Tanak* para o Antigo Testamento, enquanto a Bíblia traduzida e usada pela Igreja Católica segue a *Septuaginta*. Mas, nem todas as edições católicas seguem a mesma apresentação, pois alguns livros apócrifos são incluídos como trechos dentro de outros livros, como a Epístola de Jeremias dentro de Baruque ou Susana dentro de Daniel.

Apesar do Antigo Testamento ter sido escrito predominantemente em hebraico, existem três passagens que foram escritas em Aramaico. São elas:

- Daniel 2,4b-7:28
- Esdras 4,8-6:18
- Esdras 7,12-26

O Aramaico passou a ser usado para a escrita em Israel a partir de 444 a.C. (Geisler e Nix, 2006, p. 131). Quando falamos do Aramaico bíblico, estamos falando do Aramaico Síriaco. Conforme os mesmos autores, o “Aramaico era a língua dos sírios, tendo sido usada em todo o período do Antigo Testamento. Durante o século VI a.C, o Aramaico se tornou língua geral de todo o Oriente Próximo” (Op. Cit., p. 125). Foi em Aramaico que se escreveram outros textos judaicos também muito importantes, como os Targums, durante o período Soferim (400 a.C.-200 d.C), o Talmude e o Midrash, no período entre 100 a.C. e 500 d.C. Na época do Novo Testamento, o Aramaico era a língua falada pelo povo israelita, tendo sido a língua falada por Jesus e seus discípulos.

O hebraico e o aramaico bíblico são duas línguas semíticas que desempenham um papel crucial na história e na cultura judaica. Apesar de suas similaridades, elas apresentam diferenças importantes em termos de fonética, morfologia, sintaxe e vocabulário. Este estudo comparativo tem como objetivo analisar as principais distinções entre essas duas línguas, oferecendo uma visão abrangente de suas características e peculiaridades. Para isso, dividimos o artigo em cinco partes: Origem e desenvolvimento histórico das línguas; alfabeto e sistema de escrita; fonética e pronúncia; morfologia e sintaxe e, por fim, vocabulário e léxico.

A principal motivação nossa em escrever este artigo se deu ao fazer o levantamento da arte e constatar que não existe um estudo comparativo assim na língua portuguesa. Em língua inglesa, também não encontramos um artigo específico que compare as duas línguas. Um clássico é o artigo *Why is There Aramaic in The Bible*, escrito por Daniel C. Snell e publicado em 1980. Outro texto importante é o capítulo *Hebrew and Aramaic in the First Century*, no livro *The Jewish People in the First Century* de 1976. Recentemente, em 2021, foi publicado em Londres o livro *The Biblical World*, organizado por Katharine J. Dell.

1. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

O desenvolvimento histórico do idioma hebraico atravessa milênios e testemunha a resiliência e a vitalidade de uma língua que foi revivida após séculos de desuso. Trata-se de um dos idiomas mais antigos existentes até então, remontando aos tempos dos antigos cananeus e israelitas na região do Oriente Médio, cerca de 3.000 anos atrás. Seu sistema de escrita, que se desenvolveu a partir do alfabeto fenício, é uma das características distintivas desse idioma. No entanto, a história do hebraico antigo é fortemente marcada pela sua relação com o judaísmo e as Escrituras Sagradas. Como observado por David L. Gold, em seu livro *The Story of Hebrew*, 2013, o hebraico bíblico desempenhou um papel central na vida religiosa, cultural e política do antigo Israel.

Após a destruição do Segundo Templo em Jerusalém, no ano 70 d.C., hebraico começou a entrar em declínio como língua falada, sendo substituído pelo Aramaico e, posteriormente, pelo Grego e outras línguas nas comunidades judaicas da diáspora. No entanto, ele continuou a ser estudado e preservado como língua litúrgica e erudita. Como vimos, porém, o Aramaico já era usado entre os hebreus desde o retorno do exílio babilônico, à época de Neemias (século V a.C.).

A ressurreição do hebraico como língua falada é um fenômeno notável na história linguística. Este renascimento começou no final do século XIX e foi impulsionado pelo movimento

sionista e pelo desejo de criar uma identidade nacional judaica em Israel. O linguista Eliezer Ben-Yehuda, *Thesaurus of the Hebrew Language*, 1908, é amplamente reconhecido como o principal arquiteto desse renascimento linguístico. Ele trabalhou para reviver o hebraico como língua viva, modernizando-a e adaptando-a para atender às necessidades da vida cotidiana contemporânea. O processo de renascimento do hebraico enfrentou muitos desafios, inclusive por causa da oposição ao movimento sionista. No entanto, com o estabelecimento do Estado de Israel, em 1948, o hebraico foi consagrado como língua oficial do país, consolidando seu status como língua nacional e vernácula.

Em sua obra *Modern Hebrew: The Past and Future of a Revitalized Language*, Norman Berdichevsky explora o impacto desse renascimento linguístico na sociedade israelense. Ele destaca como o hebraico moderno continuou a evoluir e a se adaptar, absorvendo empréstimos linguísticos de outras línguas e desenvolvendo novos vocabulários para expressar conceitos modernos. Hoje, o hebraico é uma língua vibrante e dinâmica, falada por milhões de pessoas em Israel e em comunidades judaicas ao redor do mundo. Ele é usado em uma variedade de contextos, desde a educação e a mídia até a literatura e as artes. Desde suas origens antigas, até seu renascimento moderno, o hebraico continua a desempenhar um papel central na vida judaica e na história linguística mundial.

Já o Aramaico, historicamente, coexistiu e interagiu com o hebraico. Embora o hebraico seja frequentemente associado à identidade judaica e às Escrituras Sagradas, o Aramaico desempenhou um papel significativo em várias regiões do antigo Oriente Médio e desempenhou um papel importante na comunicação e na cultura de diferentes povos daquela região.

As origens do Aramaico remontam ao segundo milênio a.C., com evidências de seu uso nas antigas civilizações da Mesopotâmia, como a Assíria e a Babilônia. No entanto, foi a partir do primeiro milênio a.C. que o Aramaico começou a se expandir e se tornar uma língua franca na região do Crescente Fértil, substituindo gradualmente o Acádio e o hebraico em muitos contextos.

Conforme observado por estudiosos como Holger Gzella em *Aramaic in its Historical and Linguistic Setting*, 2015, o Aramaico se beneficiou de sua posição estratégica como língua de comércio e administração, sendo adotado por diversos impérios, como o Assírio, o Neobabilônico e o Persa. Sua utilização disseminada ao longo das rotas comerciais e em contextos administrativos contribuiu para a sua difusão e influência sobre outras línguas e culturas da região.

Em contraste com o hebraico, que era predominantemente associado à esfera religiosa e literária do antigo Israel, o Aramaico era uma língua mais pragmática e secular, utilizada em transações

comerciais, documentos legais e correspondências cotidianas. Ao longo dos séculos, o Aramaico continuou a evoluir e se diversificar, dando origem a várias variantes regionais e dialetos, como o Aramaico Imperial e o Aramaico Siríaco, que é o do texto bíblico. Cada uma dessas variantes reflete as influências culturais e linguísticas das comunidades que as falavam, bem como os contextos históricos em que estavam inseridas.

É importante ressaltar que, embora o hebraico e o Aramaico tenham coexistido e interagido ao longo dos séculos, cada um desenvolveu sua própria identidade linguística e cultural, influenciando-se mutuamente em vários aspectos. Enquanto o hebraico permaneceu como um símbolo da identidade judaica e um veículo para a transmissão das tradições religiosas, o Aramaico desempenhou um papel mais amplo como língua franca e meio de comunicação entre diferentes povos e culturas do antigo Oriente Médio.

Especificamente sobre o livro de Esdras, que usamos de exemplo para este artigo, ele provavelmente foi escrito após o retorno do cativo babilônico, por volta do século V a. C. e sua autoria é atribuída ao escriba que tinha esse nome. A história narrada em Esdras começa com a autorização do rei persa Ciro, o Grande, para que os exilados judeus retornem a Jerusalém e reconstruam o templo que havia sido destruído pelos babilônios décadas antes. Esdras, um sacerdote e escriba versado na Lei de Moisés, emerge como uma figura central nesse processo de restauração, encarregado pelo rei de liderar um grupo de exilados de volta à terra de Judá. O relato de Esdras descreve os desafios e as dificuldades enfrentadas pelos retornados ao reconstruir o templo e restaurar a cidade de Jerusalém. O livro de Esdras termina com a celebração da Festa dos Tabernáculos e a leitura solene da Lei de Moisés perante o povo reunido em Jerusalém. Este momento simboliza a renovação da aliança entre Deus e seu povo, marcando o início de uma nova era de compromisso e fidelidade. Sobre o livro de Esdras, é recomendável uma consulta ao livro de Scardelai, *O escriba Esdras e o judaísmo*, 2012.

A razão pela qual uma parte do livro de Esdras foi escrita em aramaico está sujeita a algumas teorias e especulações, mas não há uma explicação definitiva. Alguns estudiosos sugerem que o Aramaico era a língua franca da época, amplamente utilizada no Império Persa e em outras regiões do Oriente Médio. Portanto, incluir porções em Aramaico facilitaria a compreensão do texto para uma audiência mais ampla. Além disso, a mudança para o Aramaico pode ter sido uma resposta ao contexto histórico da época, refletindo a influência do ambiente cultural e linguístico em que os escritores estavam inseridos. No entanto, as razões específicas para a escolha do aramaico em determinadas partes do livro de Esdras ainda estão sujeitas a debate e interpretação.

Neste debate, se destacam, pelo menos, dois importantes estudiosos. Ernst Jenni, em *Textual Criticism of the Hebrew Bible*, entende que o uso do Aramaico refletia o ambiente multilíngue e multicultural do Império Persa, onde o Aramaico era a língua administrativa e comercial dominante, razão que explicaria seu aparecimento no livro de Esdras. Já John Joseph Collins, em *Introduction to the Hebrew Bible*, parte da crítica das fontes e defende a hipótese de que os editores combinaram diferentes fontes para formar o livro final de Esdras, incluindo partes em Aramaico que podem ter sido incorporadas de outros autores.

2. ALFABETO E SISTEMA DE ESCRITA

Ambas as línguas utilizam o alfabeto consonantal semítico, com algumas diferenças na forma das letras e na pronúncia. O alfabeto hebraico possui 22 letras, enquanto o aramaico bíblico possui 23. A escrita hebraica é da direita para a esquerda, enquanto a aramaica pode ser escrita da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita.

Façamos uma comparação. Para isso, selecionamos o texto de Esdras 7,12-26 por este texto ter três palavras muito importantes para a história e religiosidade dos hebreus: *Deus*, *Rei* e *Jerusalém*. Em Esdras 7,8-9, lemos: “E no quinto mês chegou a *Jerusalém*, no sétimo ano deste *rei*. Pois no primeiro dia do primeiro mês foi o princípio da partida de Babilônia; e no primeiro dia do quinto mês chegou a *Jerusalém*, segundo a boa mão do seu *Deus* sobre ele”. A palavra usada para Deus, no aramaico síriaco, é ܐܠܗܐ, pronunciado como *Alaha*, muito próximo do termo em árabe, الله (*Allah*). Já a palavra *rei* em Aramaico Síriaco é ܡܠܟܐ, pronunciada como *Melek*. E a palavra *Jerusalém* é ܝܪܘܫܠܝܡ, pronunciada como *Yerushalayim*.

Agora, comparemos com o texto de 2 Crônicas 12:13, que foi escrito em hebraico: "Assim o *rei* Roboão consolidou seu poder em *Jerusalém* e reinou. Roboão tinha quarenta e um anos quando começou a reinar e reinou dezessete anos em *Jerusalém*, a cidade que o *Senhor* escolheu dentre todas as tribos de Israel para nela colocar o seu Nome." Aqui, a palavra *rei* é מֶלֶךְ, que, tal qual no Aramaico Síriaco, também é pronunciada como *Melek*. O mesmo acontece com a palavra *Jerusalém*: יְרוּשָׁלַיִם em hebraico, também pronunciada como *Yerushalayim*. Porém, há uma diferença na palavra para *Deus*. No texto de Esdras 7,9, a palavra *Alaha* é traduzida para o português como *Deus*. Já em 2 Crônicas 12,13, a palavra que está traduzida como *Senhor*, que era utilizada para se referir a *Deus*, é o tetragrama יְהוָה, comumente transliterado como YHWY, e aportuguesado como “*Iavé*”, a divindade dos hebreus.

Com esse exemplo, podemos ver que, entre o hebraico e o Aramaico bíblico, havia palavras que eram escritas de maneira diferentes, mas pronunciadas da mesma maneira. Mudava, porém, a forma de designar a divindade. As pessoas se comunicavam em hebraico, o que não foi nenhum impedimento para o autor que registrou esses trechos bíblicos em Aramaico compreendê-las.

3. FONÉTICA E PRONÚNCIA

O sistema fonético do hebraico e do aramaico, línguas semíticas historicamente relacionadas, representa um campo vasto e complexo de estudo que tem intrigado linguistas e estudiosos bíblicos ao longo dos séculos. Ambas as línguas compartilham uma origem comum e influenciam mutuamente suas respectivas fonologias, mas apresentam diferenças distintas que refletem suas evoluções linguísticas e contextos culturais únicos.

O Hebraico, com suas raízes antigas que remontam à época dos patriarcas e ao período do Primeiro Templo, é conhecido por sua riqueza e diversidade fonética. Uma das características mais marcantes do Hebraico é a presença de três guturais distintos - representados pelas letras א (aleph), ה (he), e ח (chet) - que não são encontrados no Aramaico. Esses sons guturais, produzidos na parte de trás da garganta, conferem ao Hebraico uma qualidade distintiva e desafiadora para os falantes não familiarizados com esses fonemas.

Além dos guturais, o Hebraico também se destaca por sua distinção entre consoantes aspiradas e não aspiradas. Esta distinção fonética, embora sutil, é fundamental para a pronúncia precisa das palavras hebraicas e influencia a entonação e o ritmo da fala. Estudiosos como James Barr, em sua obra *The Semantics of Biblical Language*, 1961, exploram essas nuances fonológicas, destacando a importância de compreender a fonética do Hebraico para uma interpretação precisa dos textos bíblicos.

Por outro lado, o Aramaico, uma língua irmã do Hebraico, apresenta uma gama mais ampla de sons vocálicos em comparação com seu parente mais próximo. Enquanto o Hebraico possui um sistema vocal relativamente simples, com um número limitado de vogais, o Aramaico oferece uma maior variedade de sons vocálicos, proporcionando uma maior flexibilidade na expressão oral. Estudiosos como Martin Joachim Kümmel, em sua obra *Introduction to the New Testament*, 1975, exploram as implicações dessa variedade vocal para a compreensão dos textos aramaicos do Novo Testamento, ressaltando a importância de considerar a fonologia aramaica ao interpretar passagens-chave das Escrituras.

Essas diferenças fonéticas entre o Hebraico e o Aramaico têm implicações significativas, não apenas na pronúncia e na fonologia das línguas, mas, também, na compreensão de textos antigos e na interpretação de suas nuances linguísticas e culturais.

4. MORFOLOGIA E SINTAXE

A estrutura morfológica do Hebraico pode ser, em alguns momentos, mais complexa do que a do Aramaico. O Hebraico possui um sistema de conjugação verbal mais rico e utiliza mais prefixos e sufixos para indicar diferentes funções gramaticais. A sintaxe do Hebraico também é mais complexa, com uma maior liberdade na ordem das palavras. Porém, quando se trata do texto bíblico, não há muita diferença nesse sentido.

Um exemplo que ilustra a complexidade morfológica, conjugação verbal e sintaxe do Hebraico para o leitor habituado à língua portuguesa, ou às línguas latinas de maneira geral, pode ser encontrado em Gênesis 1:1, o primeiro versículo da Bíblia hebraica: בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ. Este versículo é traduzido para o português como "No princípio, Deus criou os céus e a terra." A palavra "בְּרֵאשִׁית" (Bereshit), que significa "no princípio", é formada por um prefixo preposicional "בְּ" (be-) que significa "em" ou "no", e o substantivo "רֵאשִׁית" (reshit) que significa "princípio". Já o verbo "בָּרָא" (bara), que significa "criou", está na forma do verbo na raiz (qal), terceira pessoa singular, masculino, e no pretérito perfeito, indicando uma ação completada no passado. Os prefixos "אֶת" (et) e "הַ" (ha) são utilizados aqui. "אֶת" (et) é usado como um sinal de objeto direto definido, enquanto "הַ" (ha) é o artigo definido "o" ou "os". Por fim, a ordem das palavras em Hebraico é diferente da do Português. Aqui, o sujeito ("Deus") vem depois do verbo ("criou"), o que é uma ordem comum em Hebraico, mas diferente do Português.

Porém, se este versículo tivesse sido escrito em Aramaico, teríamos o seguinte texto: כִּדְרֵי שְׁמַיָא וְכִדְרֵי אַרְצָא. Quanto ao início, "No princípio", a estrutura é muito parecida: A palavra que significa "no princípio", em aramaico síriaco, é "כִּדְרֵי", que se pronuncia da mesma maneira que o Hebraico: bereshit. Dessa forma, a preposição "no" está representada pelo prefixo "כִּדְ" (be-), que significa "em", e o substantivo "princípio" está representado pela raiz "רֵי" (reshit). A preposição "em" está fundida com o substantivo "princípio" para formar a palavra "bereshit", como no Hebraico. Já o verbo criar, aqui, apareceria como "כִּדְ" (bar), que é o verbo na forma do passado para "criar". Já na ordem em que as palavras aparecem, há uma inversão na escrita

aramaica em relação à escrita hebraica, sendo que aquela está mais próxima da língua portuguesa, já que o substantivo Deus "אלה" (alaha) aparece antes do verbo "ברא" (bar), "criou". Em outras palavras, no Hebraico, a sequência é “No princípio (locução prepositiva) criou (verbo) Deus (substantivo)”, enquanto no Aramaico, a sequência é “No princípio (locução prepositiva) Deus (substantivo) criou (verbo)”.

5. VOCABULÁRIO E LÉXICO

O estudo comparativo do vocabulário do Hebraico e do Aramaico revela nuances linguísticas e culturais que refletem as complexidades históricas e sociais dessas línguas semíticas. Enquanto o Hebraico e o Aramaico compartilham uma origem comum e uma base linguística semelhante, suas respectivas evoluções e contextos de uso resultaram em diferenças significativas no léxico e na semântica.

O Hebraico, como língua sagrada do Antigo Testamento, e veículo de expressão para a religião e a cultura judaicas, destaca-se por seu vocabulário rico em termos religiosos e históricos. Palavras como "Torá", "Shabat", "Cohen" e "Messias" são exemplos claros do profundo vínculo entre o Hebraico e a esfera espiritual e histórica do judaísmo. O estudo desses termos, não apenas revela aspectos da religião e da história judaicas, mas também lança luz sobre a identidade e a identidade do povo judeu ao longo dos séculos.

Por outro lado, como vimos, o Aramaico, embora tenha sido uma língua amplamente utilizada no mundo antigo, especialmente como língua franca no período persa e helenístico, apresenta um vocabulário mais cotidiano e prático em comparação com o Hebraico. Termos relacionados à vida cotidiana, comércio, administração e interação social são abundantes no léxico aramaico, refletindo sua natureza utilitária e sua ampla disseminação entre as diferentes camadas sociais e culturais do Antigo Oriente Próximo.

Além disso, o Aramaico também absorveu uma variedade de empréstimos linguísticos do persa e do grego, resultando em um enriquecimento adicional de seu vocabulário. Palavras como "sátrapa", "dinheiro", "câmara" e "sinagoga" são exemplos de empréstimos linguísticos que demonstram a influência cultural e política de impérios como o Persa e o Helênico sobre a língua aramaica. Esse processo de empréstimo linguístico não apenas enriqueceu o léxico aramaico, mas também evidencia as interações interculturais e os fluxos de influência que caracterizaram o mundo antigo.

Enquanto isso, o Hebraico, como língua preservada principalmente para fins religiosos e culturais, manteve um vocabulário mais puro e conservador, preservando assim sua identidade única e sua conexão com as tradições e os textos sagrados do judaísmo. Essa preservação do vocabulário hebraico contribuiu para sua distinção como língua litúrgica e de estudo religioso, destacando sua importância como veículo de transmissão da fé e da tradição judaicas ao longo dos séculos.

Autores como Eugene H. Merrill, em sua obra *Dicionário do Antigo Testamento*, 2006, tem explorado as nuances do léxico hebraico e aramaico, proporcionando uma sistematização valiosa sobre a riqueza e a diversidade dessas línguas antigas e sua importância para o estudo da história, da religião e da cultura do antigo Israel e do Oriente Próximo. Um exemplo da importância de se estudar o vocabulário de um idioma, principalmente para interpretação de um livro sagrado, é a palavra Êxodo, usada para descrever o principal evento histórico dos israelitas e que dá nome ao segundo livro bíblico. O que nós conhecemos como Êxodo, na verdade, não vem do Hebraico. O segundo livro da Bíblia, no original hebraico, é "שְׁמוֹת", *Shemot*. Uma tradução dessa palavra seria *nomes*. O livro de Êxodo é chamado de "Shemot" em hebraico porque começa com uma lista dos nomes dos filhos de Israel que entraram no Egito e relata a saída deles da escravidão. Porém, quando foi feita a tradução para o Grego que, como vimos, ficou conhecida como Septuaginta, os tradutores renomearam o livro como Ἔξοδος, ou seja, êxodo, que significa "saída".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve estudo, realizamos uma comparação entre o Hebraico e o Aramaico bíblico com o objetivo de desvendar as intrincadas nuances entre essas línguas. Apesar de partilharem de raízes semíticas comuns, tais línguas delineiam trajetórias distintas, algumas vezes em contato por distintos matizes históricos e culturais, impondo ao estudioso a necessidade de uma análise rigorosa e contextualizada. Esperamos que os resultados deste artigo possam contribuir com os estudiosos da exegese bíblica no mundo lusófono, auxiliando na hermenêutica deste que é o principal texto sagrado do ocidente.

O Hebraico, cujas origens remontam aos antigos cananeus e israelitas, testemunhou um declínio enquanto língua falada após o ocaso do Segundo Templo de Jerusalém. Não obstante, ressurgiu ao final do século XIX como idioma nacional de Israel, ensejando uma investigação que atente tanto às suas raízes ancestrais quanto à sua relevância contemporânea. Em contrapartida, o

Aramaico coexistiu e interagiu com o Hebraico, se afirmando como língua franca em variadas regiões do antigo Oriente Médio, exercendo um papel de preeminência na comunicação e cultura de distintos povos. Diante desta dinâmica complexa, torna-se imprescindível a apreensão das nuances socioculturais que permeiam a utilização deste idioma.

A exploração de seus sistemas alfabéticos revela o emprego do alfabeto consonantal semítico em ambas as línguas, embora com diferenciações na configuração das letras e na direcionalidade da escrita. No Hebraico, a escrita é orientada da direita para a esquerda, obedecendo a uma estrutura ortográfica específica que demanda do pesquisador um profundo entendimento das normas gramaticais. Por outro lado, o Aramaico apresenta uma variação na orientação da escrita, requerendo uma análise contextualizada para determinar a forma apropriada de escrita em cada instância.

As discrepâncias fonéticas se manifestam na presença de três guturais e na distinção entre consoantes aspiradas e não aspiradas no Hebraico, aspectos que devem ser minuciosamente ponderados para uma pronúncia precisa e uma compreensão cabal da fonética da língua. Por sua vez, o Aramaico oferece uma panóplia mais ampla de sons vocálicos, demandando do estudioso um domínio das nuances fonológicas deste idioma para uma interpretação acurada dos textos.

No domínio da morfologia e sintaxe, o Hebraico se sobressai por um sistema de conjugação verbal mais elaborado e um maior emprego de prefixos e sufixos, elementos estes que requerem do investigador um sólido conhecimento das regras gramaticais da língua. Ademais, a sintaxe hebraica caracteriza-se por uma maior liberdade na ordem das palavras, o que implica em uma análise atenta da estrutura frasal para uma compreensão precisa do significado textual. Entretanto, no contexto bíblico, as discrepâncias morfológicas e sintáticas entre ambos os idiomas não são tão substanciais, facultando ao estudioso traçar paralelos entre as estruturas gramaticais de ambas.

Ao adentrarmos no domínio do vocabulário e léxico, deparamo-nos com uma base lexical semítica comum, contudo, com distintas ressonâncias lexicais que refletem as trajetórias históricas e usos específicos de cada língua. O Hebraico abriga um rico léxico religioso e litúrgico, exigindo do estudioso um conhecimento profundo da Teologia e cultura judaica para uma apreensão integral dos textos. Em contrapartida, o Aramaico incorpora termos do âmbito comercial, administrativo e da vida cotidiana, demandando do pesquisador familiaridade com as práticas sociais e econômicas da época para uma interpretação precisa dos textos.

A presença do Aramaico em porções do Antigo Testamento, como Daniel e Esdras, reflete o contexto histórico e cultural da época, com o Aramaico figurando como língua franca do Império

Persa. As razões para tal escolha ainda são objeto de debate entre os acadêmicos, suscitando uma análise crítica das diversas teorias e uma compreensão contextualizada do período histórico em questão.

O estudo comparativo do Hebraico e Aramaico emerge como de vital importância para uma apreensão mais profunda da história, cultura e religião dos povos do antigo Oriente Médio. Tal análise contribui para uma melhor compreensão e interpretação dos textos bíblicos redigidos em ambas as línguas, demandando do estudioso um domínio aprofundado das ferramentas linguísticas e dos contextos históricos e culturais em que tais idiomas se desenvolveram.

Ao desvelarmos as nuances linguísticas e contextos históricos do Hebraico e Aramaico, somos compelidos a reconhecer a inestimável contribuição desses estudos para a compreensão das raízes culturais e religiosas da humanidade. O exame detalhado dessas línguas ancestrais não apenas lança luz sobre os textos bíblicos e sua interpretação, mas também proporciona uma visão mais ampla da evolução das sociedades antigas e suas interações.

Em suma, a análise minuciosa do Hebraico e Aramaico não apenas constitui um empreendimento acadêmico de grande envergadura, mas também representa um compromisso com a preservação e compreensão do patrimônio cultural e espiritual da humanidade. Através desse estudo, somos capazes de mergulhar nas profundezas da história e da linguagem, desvendando os mistérios de civilizações há muito desaparecidas, mas cujo legado continua a ressoar nos anais da humanidade.

REFERÊNCIAS

- ARAMAIC BIBLE. Disponível em: <https://www.aramaicbible.org/>. Acesso em 16 de abril de 2024.
- BARR, James. **The Semantics of Biblical Language**. Oxford: Oxford University Press, 1961.
- BERDICHEVSKY, N. **Modern Hebrew: The Past and Future of a Revitalized Language**. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, 2004.
- DELL, Katharine J. (Org.). **The Biblical World**. Abingdon, Reino Unido: Routledge, 2021.
- GEISLER, Norman. NIX, William. **Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós**. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- GOLD, David L. **The Story of Hebrew**. Princeton University Press, 2013.
- GZELLA, Holger. **Aramaic in its Historical and Linguistic Setting**. Leiden: Brill, 2015.



KÜMMEL, Martin Joachim. **Introduction to the New Testament**. Nashville: Abingdon Press, 1975.

MERRILL, Eugene H. **Dicionário do Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2006.

SAFRAI, S.; STERN, M.; FLUSSER, D.; VAN UNNIK, W.C. **The Jewish People in the First Century**. Volume 2. London: Bloomsbury T&T Clark, 1976.

SCARDELAI, Donizete. **O escriba Esdras e o judaísmo**. São Paulo: Paulus, 2012.

SEFARIA. Disponível em: <https://www.sefaria.org/>. Acesso em 16 de abril de 2024.

SNELL, Daniel C. **Why is There Aramaic in The Bible**. Journal for the Study of the Old Testament, v. 5, n. 18, p. 29-38, 1980.

SOCIEDADE BÍBLICA ALEMÃ. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967.